



“WHO AM I?: problematizando noções de identidade e de estereotipização”

¹
Jaqueline Fonseca Veiga
jaquelinefveiga@outlook.com
Universidade Estadual de Goiás

²
Valéria Rosa da Silva
valeriarosa.vr@gmail.com
Universidade Estadual de Goiás

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar as reflexões sobre as ações pedagógicas desenvolvidas durante o estágio supervisionado em Língua Inglesa I do curso de Letras Português/Inglês, da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Inhumas. Como referencial teórico, utilizamos as teorizações dos letramentos críticos, entendendo que o papel da língua inglesa na educação básica vai além da função comunicativa e visa a formação para a cidadania crítica (EDMUNDO, 2013; SILVESTRE, 2015). As ações pedagógicas foram realizadas em uma escola da rede pública em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental II, partindo do tema “*Who am I?: problematizando noções de identidade e de estereotipização*”. Desse maneira, trabalhamos modos de influência do senso comum na constituição da identidade, refletindo sobre a relevância disso, problematizando os rótulos impostos pela sociedade. Como produto final do projeto, foi produzido um vídeo em inglês, com os alunos, relacionado ao tema proposto. Como instrumento de pesquisa utilizamos questionários, reflexões sobre a ação e os planejamentos elaborados. Os dados deste estudo sugerem que as ações pedagógicas executadas provocaram reflexões significativas tanto nos alunos da escola campo quanto nos estagiários.

Palavras-chave: Letramentos críticos. Ensino de Língua Inglesa. Identidade.

1 INTRODUÇÃO

1 Acadêmica do 3º ano do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Inhumas.

2 Professora orientadora de estágio supervisionado em língua inglesa II da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Inhumas.



O presente relato de experiência objetiva mostrar as reflexões sobre as ações pedagógicas desenvolvidas em uma turma de 9º ano, durante o estágio supervisionado em Língua Inglesa I do curso de Letras Português/Inglês, da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Inhumas. Como aporte teórico, o trabalho está fundamentado na perspectiva dos letramentos críticos (EDMUNDO, 2013; SILVESTRE, 2015) e, por meio desse viés teórico, problematizamos noções de identidade e de estereotipização a partir do tema *Who am I?*.

Optamos por trabalhar com a temática “*Who am I?*: problematizando noções de identidade e de estereotipização” e, por meio dela, tentamos fazer com que os alunos desenvolvessem um pensamento crítico, não um conhecimento de mundo com base no senso comum, mas um conhecimento a partir da interpretação deles, do que eles acreditam, pois entendemos que é função das aulas de língua inglesa fazer com que os alunos possam “conhecer, participar e dar novos contornos à própria realidade” (SCHLATTER; GARCEZ, 2012, apud SILVESTRE, 2015, p. 644).

Com isso, levamos os alunos a refletirem sobre a importância da autonomia e de serem mais conscientes de si e de suas atitudes, bem como do caráter que eles possuem, visto que o papel do professor não é só de formador intelectual, mas também de formador de cidadãos conscientes, pois “não podemos jamais esquecer que estamos envolvidos em uma tarefa eminentemente política, não neutra, ideologicamente orientada” (RAJAGOPALAN, 2006 apud SIQUEIRA, 2011, p. 106).

Além de trabalhar com temas críticos, que é a proposta do estágio supervisionado, por exigência da escola, tivemos que trabalhar com o gênero textual/discursivo provérbio, que estava previsto no Currículo Referência da Rede Estadual de Educação de Goiás (GOIÁS, 2012), o que deu margem para trabalharmos com a temática proposta, já que acreditamos no

ensino de línguas estrangeiras por meio da *expansão de perspectivas*, numa prática complementar, que não substitui os conteúdos linguístico-culturais do currículo, mas o complementa por meio de uma educação crítica (DUBOC, 2012 apud SILVESTRE, 2015, p. 71).

Assim, por meio da junção do tema “*Who am I?*” e do gênero textual/discursivo provérbio, problematizamos o provérbio “*Never judge a book by its cover*”, levando os alunos a se verem como eles realmente são, e não como os outros os veem, por meio da problematização de como suas identidades são construídas e como ocorre a repercussão dessa construção na sociedade. Afinal, “a escola também é responsável pela construção da



cidadania, visto que, nesse espaço, professores/as e alunos/as constroem diariamente suas identidades” (SILVESTRE, 2014).

Para Siqueira (2011, p. 103-104), “o papel do docente seria desenvolver pedagogias contra-hegemônicas”, com o intuito de “educá-los para uma ação transformadora”, dando-lhes “o conhecimento e habilidades sociais necessários para poderem funcionar na sociedade mais ampla como agentes críticos” (GIROUX, 1997 apud SIQUEIRA 2011, p. 104). Por meio da temática proposta, buscamos levar os alunos a refletirem sobre quem são, bem como sobre questões de estereótipos, problematizando os rótulos impostos pela sociedade. Para atingir nossos objetivos, consideramos linguagens variadas em nossa prática pedagógica, quais sejam: textos, vídeos, imagens, música e produção audiovisual. Assim, tentamos ser agentes transformadores no modo de ensinar e na forma de pensar utilizamos uma sequência didática de maneira diferente, mais atrativa.

Em relação à organização deste texto, além desta parte introdutória, apresentamos, com mais detalhes, a metodologia, a discussão dos resultados e as considerações finais.

2 METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos as etapas do estágio, a elaboração do projeto de ensino e aprendizagem conciliando a temática com o gênero exigido a ser trabalhado e a descrição das ações executadas.

Como mencionado anteriormente, a turma escolhida foi o 9º ano. Essa turma foi escolhida porque, durante a fase de semirregência³ do estágio supervisionado, teve um comportamento muito satisfatório e o interesse e o desempenho da turma pareceu um pouco melhor do que nas outras salas. Foi mais uma questão de comodidade, tendo em vista o pouco tempo de regência e a quantidade de ações a serem realizadas.

A partir do trabalho com o tema “*Who am I?*”, houve uma sequência de ações pedagógicas que se estruturaram da seguinte forma: no primeiro encontro, foi proposta a produção de uma *timeline*; no segundo encontro, apresentamos um vídeo da empresa coca-cola sobre estereótipos e introduzimos a temática do *Who am I?*, trabalhamos também com o conceito de identidade; no terceiro encontro, retomamos a temática do projeto e, em seguida, trabalhamos com alguns provérbios e, paralelamente, executamos as gravações de um vídeo em que os alunos respondiam à pergunta “who am I?”; no quarto encontro, trabalhamos com a

3 Conforme o regulamento, o estágio supervisionado em língua inglesa I da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Inhumas, deve ser realizado em uma escola de ensino fundamental II e apresentar as fases de observação do contexto escolar, semirregência e regência.



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

música *price tag* e, em seguida, fizemos a exibição do vídeo produzido juntamente com os alunos.

Com relação à *timeline*, foi trabalhado um texto sobre a jogadora de futebol brasileira Marta. Esse texto estava em Inglês e continha informações com datas importantes na vida de Marta. A partir dessas datas, nós construímos junto com os alunos a *timeline* da Marta, mostramos para eles um exemplo nosso e, a partir disso, os alunos construíram, cada um, sua *timeline* em inglês.

O vídeo que mostramos para trabalhar a questão dos estereótipos e dos rótulos foi uma propaganda da coca cola, na qual algumas pessoas que não se conheciam eram colocadas em uma mesma sala, que estava completamente escura. Essas pessoas falavam um pouco de si e os outros tentavam adivinhar suas ocupações por meio dessa descrição. Assim que as luzes se ascendiam e eles se viam, o pensamento já mudava devido a julgamentos pela aparência. Com isso, tentamos problematizar essa questão do pré-conceito, do conceito antes de conhecer de fato, problematizamos a questão do rótulo nas pessoas, enfim, todas essas questões que estabelecem pré-julgamentos.

Na sequência, trabalhamos respondendo ao questionamento “Who am I?”. Primeiramente, mostramos questões básicas, nome, de onde eu vim, onde eu moro e o que eu faço. Depois disso, o questionamento seguinte foi “Como os outros me veem?”, ou seja, o que os outros pensam de mim, o que eu penso que os outros pensam de mim. Esse questionamento não pode ser respondido sem ser perguntado a terceiros, mas dá para sentir no comportamento das pessoas e na forma como elas nos tratam um pouco do que elas pensam sobre nós, e era isso que essa pergunta visava. Em seguida, tínhamos a pergunta “*What you really are?*”, Como você realmente é?. Essa pergunta foi feita com o intuito de fazer refletir sobre o conceito de identidade. A Identidade, para Ciampa (1987), pode ser entendida como metamorfose, ou seja, uma constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos. Ou seja, a identidade é mutável, você não se pode definir de uma forma, por exemplo, eu sou assim, sempre fui assim e sempre serei assim, a identidade muda de acordo com a nossa história, nossa experiência, as pessoas com as quais convivemos, os nossos planos pro futuro, tudo isso contribui para a formação da identidade. Então, tendo em vista tudo isso, a última pergunta foi “O que é realmente importante?”. Sabendo de tudo o que constitui nossa identidade, o que é importante, é importante dar atenção aos pré-julgamentos, ao que os outros pensam ou até mesmo se tornar o que os outros pensam? Com tudo isso trabalhamos também um vocabulário de adjetivos em inglês para que os alunos pudessem se caracterizar. Por fim,



mostramos um vídeo em que nós, professores-estagiários, e a professora-orientadora do estágio respondíamos a essas perguntas e propusemos a escrita de um texto que respondesse essas perguntas, para que posteriormente o vídeo pudesse ser gravado.

A atividade com o gênero textual/discursivo provérbio foi feita selecionando alguns provérbios que exploravam bem a questão da estereotipização e, a partir disso, problematizamos questões de senso comum que estavam imbricadas naquilo. Paralelamente a essa atividade, foi realizada a atividade de produção do vídeo, treinamos a pronúncia com eles e depois gravamos o vídeo dos alunos. Aos poucos fomos gravando e assim que os alunos terminavam eles voltavam para as atividades sobre os provérbios.

Na última aula, trabalhamos com a música *Price Tag*. Utilizamos essa música para falarmos da questão de preços e valores. Tentamos provocar reflexões sobre o verdadeiro valor das pessoas e das coisas e se isso é tratado realmente como preços ou valores. Depois os alunos fizeram algumas atividades sobre essa música e no final nós exibimos o vídeo gravado com a participação deles.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a proposta da *timeline*, os alunos executaram o que estava previsto, mas tivemos que fazer algumas mudanças nas perguntas que norteavam essa produção, pois muitos não se lembravam das datas que nós sugerimos e alguns criaram informações por falta do que colocar, mas a produção foi feita. Eles tiveram um pouco de dificuldade, uns mais, outros menos, mas, em geral, tivemos que auxiliá-los individualmente para que eles conseguissem finalizar.

Com relação ao vídeo da propaganda da coca cola, nós não levamos nenhuma atividade impressa, foi um momento só pra assistir o vídeo e discutir, oralmente, sobre ele. Alguns questionamentos foram feitos, mas foi tudo oralmente e houve uma boa participação dos alunos. Na sequência, na aula do Who am I?, nós fizemos bastantes discussões, teve uma participação razoável e depois de discutirmos essa temática retomando o vídeo, os alunos teriam que produzir o texto deles, tendo por base as discussões, o vídeo a que eles assistiram (no qual nós, estagiários e a professora-orientadora de estágio, respondíamos à pergunta “who am I?”), tendo por base também um modelo impresso que levamos pronto com as perguntas e respostas, além de terem uma lista de adjetivos para ajudá-los a caracterizá-los e assim concluir o texto. Com essa atividade tentamos fazer o que Jordão propõe:



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

Ensinar e aprender línguas é, então, ensinar e aprender maneiras de ver, ser, estar e agir no mundo; o papel da escola nesse processo é justamente oportunizar o confronto entre diferentes perspectivas, possibilitar a tomada de decisões “socialmente responsáveis” e ensinar a viver e conviver com a instabilidade e a consequente produtividade que a coexistência de várias perspectivas instaura em nós. (JORDÃO, 2013 apud SILVESTRE, 2015, p. 65)

Essa instabilidade da qual Jordão fala refere-se tanto a nossa instabilidade, pois estamos em constante mutação, quanto à instabilidade dos outros, que são tão vulneráveis quanto nós. Foi uma oportunidade para entender o diferente e aprender a conviver com as diferenças sem rótulos e sem preconceitos.

Mesmo com o modelo da atividade, os alunos tiveram muita dificuldade na produção, estruturação e execução do texto como um todo, tivemos que ajudá-los individualmente outra vez, mas houve a produção.

A aula dos provérbios contou com participação oral e atividades em sala em que fomos respondendo junto com os alunos. Paralelamente estava acontecendo a gravação do vídeo. Foi previsto como produto final da conclusão do estágio um vídeo sobre questões relacionadas a identidade. O trabalho audiovisual foi a alternativa que eu, professora-estagiária, encontrei para me adaptar melhor em sala de aula, pois outras experiências semelhantes funcionaram bem e isso fez eu me sentir mais segura durante a regência. Assim, a opção com o trabalho audiovisual foi para atender um gosto pessoal meu e para levar alguma inovação na forma de ensinar, o que corrobora com Duboc (2012, p. 56, apud SILVESTRE, 2015, p. 71) que argumenta em favor do “ensino de línguas estrangeiras por meio da *expansão de perspectivas*, numa prática complementar, que não substitui os conteúdos linguísticos-culturais do currículo, mas o complementa por meio de uma educação crítica”.

Gravamos em uma sala a parte, iam de dois a três alunos, treinávamos a pronúncia com eles e depois gravávamos. Tivemos muitos problemas com relação à pronúncia, problemas que iniciavam em nós, estagiários, porque não temos o domínio da língua, então, estávamos inseguros com relação à pronúncia de muitas palavras. Nesse momento, a professora-orientadora passou a atuar em sala de aula conosco ajudando na reestruturação e na adequação dos textos e na pronúncia, mas, mesmo assim, tivemos pouquíssimo tempo para preparar os alunos, para que eles tivessem uma pronúncia razoável. Alguns alunos também demonstraram resistência pela questão de aparecer em frente às câmeras e, nesses casos, trabalhamos apenas a pronúncia, os alunos leram o texto que produziram. Outro fato não tão



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

bom foi que precisamos tirar os alunos de outras aulas para finalizarmos as gravações. Foi pouco tempo, mas, eu enxergo como um problema, pois não soubemos administrar o tempo que tínhamos. Entretanto, houve um crescimento por parte dos alunos, pois tivemos

⁴avaliações⁴ bastantes positivas, tais como:

“A aula que gravamos o vídeo foi a que mais me agradou. Nela eu aprendi a⁵ falar a língua inglesa e gostei muito, mesmo passando vergonha” [Aluno 1].

Na aula em que a música *price tag* foi trabalhada, houve bastante envolvimento, eles gostaram da música, mas apresentaram muita dificuldade na atividade posterior, de *listening*. A atividade foi realizada colaborativamente e demandou muito tempo. Outras atividades que eram de cunho pessoal e de interpretação foram melhor executadas. Mesmo com as dificuldades, os alunos gostaram de trabalhar com a música:

“Gostei da atividade da música e da que fizemos os nossos próprios vídeos, porque foi algo que atraiu a minha atenção. E com a música, foi algo de jovens, algo que participamos e não só os professores, fazendo com que as⁶ aulas não ficassem chatas” [Aluno 2].

“[Gostei] da aula da música Price Tag, porque nos mostrou o verdadeiro valor da vida. Aprendi que não é somente o dinheiro que importa e sim as⁷ amizades, amor, entre outras coisas” [Aluno 3].

No final dessa aula, exibimos o vídeo que os alunos tinham feito, houve muito barulho durante a apresentação, mas, acreditamos que muito disso se deve à novidade de se ver na “telinha”, ver uma espécie de superação em relação ao medo da câmera, uma superação ao falar alguma coisa em outra língua e em se enxergar como realmente é, o vídeo acabou mostrando um pouco disso. Claro que teve também a chacota com o colega que aparecia, principalmente por parte dos que não apareceram, mas pensamos que eles gostaram de se ver ali e ver um pouco da evolução que eles tiveram representada nesse vídeo.

“[Gostei] da última aula, porque ela foi a mais legal e nós assistimos o vídeo que nós mesmo fizemos, foi bastante legal. Eu aprendi que a gente não pode

4 Com o objetivo de avaliar a execução de nosso projeto, ao final das aulas, aplicamos um questionário aos alunos.

5 Resposta à pergunta “De que atividade você mais gostou?”.

6 Resposta à pergunta “De que atividade você mais gostou?”.

7 Resposta à pergunta “De que atividade você mais gostou?”.



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

desistir de um sonho ou até mesmo de deixar de fazer algo pensando no que
8
as pessoas vão dizer” [Aluno 4].

Ao término do estágio, aplicamos um questionário para avaliar nosso trabalho e pudemos notar que o tema escolhido agradou: “Esse tema me fez ser eu mesma [Aluno 5]”. Aparentemente, também gostaram da nossa metodologia e da nossa forma de trabalhar, “[As aulas] foram bastante legais, porque foram aulas diferenciadas e aprendi mais, e o grupo de professores é muito legal [Aluno 6]”. A participação da professora-orientadora de estágio também foi muito bem reconhecida:

“Gostei [da atuação dela], pois, quando os professores não sabiam ela sabia responder [Aluno 7];

“[Gostei,] ela estava lá para orientar os alunos e os outros professores” [Aluno 8];

“[Gostei] pois ela ajudava tanto os professores a atuarem seu papel e a nós como alunos a entender tal assunto (palavras)” [Aluno 9];

“[Gostei,] porque ela sempre ajudava os professores a nos ajudar a entender” [Aluno 10].

Esse questionário foi respondido por boa parte da turma e apresentava as seguintes perguntas:

1. De qual dessas atividades você mais gostou. Por quê? O que você aprendeu com essa atividade?
2. Como você se sentiu durante as aulas? Por quê?
3. Que sentimentos o tema “WHO AM I?” provocou em você?
4. Você gostou de participar da gravação do vídeo falando sobre fatos reais da sua vida? Por quê?
5. Na sua opinião, como essas aulas podem melhorar? O que os/as professores/as devem fazer?
6. Você gostou da participação da professora Valéria durante as aulas? Por quê?
7. De 0 a 10, que notas você daria para:
 - a) _____ O tema escolhido
 - b) _____ O vídeo (sobre estereótipos) escolhido

8

Resposta à pergunta “De que atividade você mais gostou?”.



- c) _____ A música (Price Tag) escolhida
- d) _____ A gravação do vídeo (com participação dos/as alunos/as)
- e) _____ A atuação dos/as professores/as-estagiários/as
- f) _____ O tempo dedicado às aulas (8 aulas)?
- g) _____ A sua participação nas aulas?

Com as respostas obtidas, nós vimos que o projeto teve uma boa aceitação por parte dos alunos e vimos certo interesse no trabalho audiovisual. Alguns encararam o vídeo sem receios, outros receosos, alguns superaram a timidez, outros não toparam, mas vimos certa evolução de atitude e de conhecimento, mesmo que tenha sido pouca. Eles tiveram certo crescimento em relação à pronúncia, mas o rendimento ainda não foi suficiente, sentimos que poderíamos ter feito mais para que o trabalho fosse mais satisfatório.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência durante o estágio para mim, estagiária, principalmente na regência, foi muito desgastante. Tivemos pouco tempo de preparo para iniciar o estágio, pois na escola não tinha uma turma para cada grupo de estágio e tínhamos um calendário a cumprir. O despreparo com relação à sala de aula também ficou evidente, no meu caso, pois, mesmo sendo bolsista do PIBID, o meu domínio de sala ainda é muito fraco, e houve inúmeras falhas com relação ao trabalho em grupo, o que talvez tenha sido a parte mais complicada de lidar. Por outro lado, foi gratificante pois pude sentir certo orgulho ao ver que alguma coisa foi feita a partir da minha ajuda, da minha contribuição, pois, por mais que não tenha saído da forma como era idealizado, houve um aprendizado por menor que tenha sido.

A experiência desgastante está relacionada aos entraves que tivemos durante o estágio, tais como: diferentes níveis em uma mesma sala, falta de estrutura e de conforto na escola campo, deslocamento para realização do estágio, falta de entrosamento e falta de responsabilidade no grupo. Tudo isso acabou provocando, em mim, um enorme esgotamento físico, mental e emocional.

O outro lado do estágio é a gratificação ao ver que o que você diz na sala de aula, o que você ensina tem relevância, gera certa mudança de pensamento e de comportamento. Os alunos demonstraram reconhecimento, gratidão, então isso ameniza um pouco todos os problemas encontrados. Infelizmente, os planejamentos não foram executados todos da forma como deveria, não alcançamos os resultados de forma satisfatória, não tivemos tempo



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

suficiente para ensinar bem a questão da pronúncia, por exemplo, então foi muito falha essa parte. Tentamos executar tudo que estava previsto dentro do tempo previsto, mas acabamos tendo que usar aulas de outros professores para terminar. Esse problema ocorreu porque a escola não poderia ceder mais aulas para a execução da regência, o que é perfeitamente compreensível, dada a quantidade de estagiários naquela escola.

No que diz respeito à minha opinião pessoal, como estagiária, de modo geral, a experiência do estágio foi em sua maior parte desestimulante e uma pequena parcela foi gratificante. Isso contribuiu para minha formação, especialmente por comprovar a minha falta de domínio de sala, eu não conseguia impor respeito em momento algum, senti que minha utilidade durante o estágio era apenas explicar o conteúdo, talvez pela pouca idade, parece que eles não me enxergavam na condição de professora estagiária e isso acarretou a falta de domínio de sala. O trabalho não foi feito da melhor forma possível, chegou um momento de estafa muito grande que eu continuei só para terminar, mas, mesmo assim, no momento em que eu entrava em sala de aula eu tentava fazer da melhor forma, pois, por mais que eu não pense em seguir carreira como docente, o que eu me proponho a fazer ou o que eu aceito fazer eu tento fazer bem.

Levando em conta o aspecto profissional, em geral, a proposta toda do estágio foi bem interessante, mas os resultados foram medianos, não tivemos muito tempo para a conclusão do estágio e não conseguimos trabalhar bem, principalmente, a questão da pronúncia, primeiro por não termos domínio da língua e segundo pelo pouco tempo de duração do estágio.

REFERÊNCIAS

EDMUNDO, Eliana S. G. **Letramento Crítico no ensino de inglês na escola pública: planos e práticas nas tramas da pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 2013.

FARIA, E. de; SOUZA, V. L. T. de. **Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v15n1/04.pdf>>

SILVESTRE, V. P. V. **Ensinar e aprender língua estrangeira/ adicional na escola: a relação entre perspectivas críticas e uma experiência prática localizada**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, 2015, v. 15, p. 61-84 (VERSÃO DIGITAL).

SIQUEIRA, S. Inglês em escolas públicas não funciona: uma questão, múltiplos olhares. In: LIMA, D. C. (org.). **O ensino de inglês na escola pública: do professor postiço ao professor crítico-reflexivo**. Parábola, 2011.



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL